

# A profecia sobre a volta de Elias se realizou?

É mais fácil explodir um átomo que um preconceito. (EINSTEIN)

"Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci; antes que você fosse dado a luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações". (Jr 1,5)

## Introdução

Descobrimos se Elias voltou ou não, podemos auferir se o profeta Malaquias falou em nome de Deus, ou se estava "viajando na maionese". No primeiro caso, não fere a "inerrância da Bíblia", ao gosto dos protestantes; no segundo, joga-se isso por terra.

Há ainda a grande possibilidade de que as interpretações dadas pela liderança religiosa visem apenas manter os dogmas estabelecidos, os quais, em sua maioria, não tem nenhum respaldo bíblico, portanto, a rigor, não podem ser classificadas como "a palavra de Deus".

Então, vamos consultar a Bíblia para ver se nela encontramos algo para responder à pergunta proposta no título. Os textos, quando não informado, serão tomados da Bíblia Sagrada Pastoral.

Como esse assunto está relacionado a reencarnação, devemos ver primeiro se os judeus acreditavam nela, uma vez que isso é de suma importância para o assunto em foco.

## Os judeus acreditavam na reencarnação?

Entre as classes sociais dos judeus havia a dos fariseus. Vejamos o que o teólogo Carlos T. Pastorino (1910-1980), ex-sacerdote formado em Teologia e Filosofia, por um Seminário Católico em Roma, catedrático em grego, hebraico e latim, nos informa deles:

FARISEUS – O que sabemos deles é tirado de Josefo (Bell. Jud. 2, 8, 14; e Ant. Jud. 13, 5. 9 e 13, 10, 5-6: 17, 2, 4 e 18, 1, 2 e 4), e da Mishna (cfr. Schtírer Gestichte des Jüdischen Volkes, 2, págs. 384-388, Leipzig, 1898, onde estão os textos da Mishna).

Na época de Jesus eram cerca de seis mil. Seu nome primitivo parece ter sido *hassidim* (os piedosos), mas entre si se tratavam como *haberim* (os companheiros). Os adversários os chamavam depreciativamente "fariseus" (*pherusin*) que significa "os separados". Tratava-se da separação das coisas e pessoas "impuras" (ou seja, dos pagãos e dos judeus infiéis, que não davam muita importância às observâncias legais).

Além de obedecer rigorosamente à Torah, seguiam à risca a Mishna (tradição selecionada pelos escribas, compreendendo tanto a tradição jurídica (halacha) quanto à histórica (hagada).

Quanto às crenças acreditavam:

a) na sobrevivência dos espíritos após a morte, tanto dos bons quanto dos maus;

**b) na ressurreição (ou seja, na reencarnação) dos justos, segundo as ideias de Platão; mas só os bons reencarnavam em novos corpos,** conforme lemos em Josefo (Bell. Jud., 2, 8, 14) que era fariseu: "as almas são imortais; as almas dos justos passam, depois desta vida, em outros corpos, e as dos maus sofrem tormentos que duram sempre".

c) no livre arbítrio, embora não total, mas limitado pelo destino. em certos pontos.

A separação, levada ao exagero, tornou os fariseus um grupo antipatizado. Além disso, tendo perdido a sinceridade inicial e cedendo às fraquezas humanas levavam a observância às coisas externas, muito atentos a que fossem vistos e

aplaudidos pelos homens. Daí terem passado à história como protótipos dos que dão valor apenas às exterioridades, sem nenhum aprofundamento, e como sinônimo de hipócritas (a palavra hipócrita significa literalmente .ator, ou seja, aquele que representa uma peça de teatro “escondido” (crites) “debaixo” (hipo) de uma personalidade diferente da sua personalidade real). [...]. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 100-101, grifo nosso).

Vejamos, agora, o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), que, descrevendo a maneira de viver dos fariseus, coloca:

[...] Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que **umas são eternamente retidas prisioneiras** nessa outra vida **e que outras voltam a esta**. [...]. (JOSEFO, 2003, p. 416, grifo nosso).

E quando alguns soldados, que foram derrotados na guerra dos judeus contra os romanos, estavam pensando em suicidarem-se, Josefo disse-lhes:

[...] Não sabeis que Ele difunde suas bênçãos sobre a posteridade daqueles, que depois de ter chamado para junto de si, entregam em suas mãos, a vida, que, segundo as leis da natureza. Ele lhes deu e que suas **almas voam puras para o céu, para lá viverem felizes e voltar, no correr dos séculos, animar corpos que sejam puros** como elas (\*) e que ao invés, as almas dos ímpios, que por loucura criminosa dão a morte a si mesmos são precipitados nas trevas do inferno; [...].

(\*) **Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose.**

(JOSEFO, 2003, p. 600. grifo nosso).

Então, podemos dizer que, de uma certa forma, os fariseus acreditavam que algumas almas voltam a esta vida; portanto, é exatamente o que acreditamos que acontece com a reencarnação, que significa voltar à carne novamente, renascer. Certamente que nos textos de Josefo não foi dito que essa volta aconteceria mais vezes, bem como algo a acontecer, quando do juízo final, conforme se acredita que irá se realizar no final dos tempos.

Entretanto, podemos interpretar que são várias as vezes que a alma do justo voltará. Veja bem, caro leitor, a ideia que faziam era que o prêmio das almas dos justos era viver na terra, a dos viciosos ficavam eternamente prisioneiras no outro mundo. Então uma alma do justo voltando a viver na terra, terá, necessariamente, que morrer de novo, então volta novamente para o “outro mundo” na mesma condição de justo e imortal. Mas os justos não merecem voltar a esta vida? Então, a conclusão lógica é que eles, os justos, voltarão mais uma vez a viver na terra, o que acabará se tornando um círculo vicioso, indo e voltando, do qual não se sairá, justamente pelo motivo de acharem que a alma imortal para gozar a vida era preciso viver na terra. Assim, poder-se-ia, no máximo, alegar que a crença deles na reencarnação não é como nós, os espíritas, cremos, com o que concordaremos.

A nota de rodapé “Parece, segundo estas palavras, que Josefo acreditava na metempsicose”, colocada pelo Padre Vicente Pedrosa, tradutor da obra *História dos Hebreus*, nos dá a impressão de que, embora tenha dito “parece”, na verdade, ele não tinha dúvida alguma sobre o que pensava Josefo, apenas com isso quer levar os seus leitores a não aceitarem que àquela época se acreditava na reencarnação. Ademais, julgamos que ele foi muito além dos fatos, pois, pelo texto de Josefo, o máximo que se poderia concluir é que ele acreditava na reencarnação e não na metempsicose, que admite que um espírito humano reencarne no corpo de um animal, o que é inaceitável pelos reencarnacionistas.

Vejamos, agora, algumas passagens bíblicas, que podem nos ajudar na questão:

Mt 16,13-14: “‘Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?’ Eles responderam: ‘Alguns dizem que é João Batista; outros, **que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas**’”.

Lc 9,7-9: "O governador Herodes ouviu falar de tudo o que estava acontecendo, e ficou sem saber o que pensar, porque alguns diziam que João Batista tinha ressuscitado dos mortos; **outros diziam que Elias tinha aparecido; outros ainda, que um dos antigos profetas tinha ressuscitado.** Então Herodes disse: 'Eu mandei degolar João. Quem é esse homem, sobre quem ouço falar essas coisas?' E queria ver Jesus".

Veja bem, caro leitor, se pensavam que Jesus poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou até mesmo algum dos antigos profetas ressuscitado, não há como não entender que a ideia aqui do vocábulo ressuscitar é de alguém voltando em uma nova vida; portanto, isso é exatamente o que se entende por reencarnação, por mais que se negue o fato. Dessa forma, era crença comum que, se não todo mundo, pelo menos os profetas, poderiam voltar a ter uma nova vida. A inclusão de João Batista entre eles, prova que não entendiam bem desse assunto, porquanto, sendo ele contemporâneo de Jesus, jamais o Mestre poderia ter sido ele em nova encarnação.

O fato interessante, em relação ao primeiro passo acima, é que Jesus absolutamente não contestou o que eles estavam pensando. Se ninguém poderia voltar em uma nova vida, então foi lamentável que Jesus tenha perdido essa ótima oportunidade de corrigi-los, o que reputamos da maior gravidade. Como não o fez, concluímos, portanto, que, tacitamente, Jesus aprova o que pensavam. A não ser que queiramos vê-lo como um Mestre relapso, que, propositadamente, não corrigiu seus discípulos, quando estes lhe demonstraram estar errados sobre um assunto.

Lc 9,19: "*Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que **tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou**'.*"

Na expressão "*tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou*" entendemos que o verbo "ressuscitar", tem, nitidamente, aqui o conceito de "voltar à vida" e, no contexto, num outro corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar. Reforçamos: se Jesus, segundo suspeitavam, poderia ser qualquer um dos antigos profetas, isso só seria possível acontecer, ainda que seja por uma só vez, pela reencarnação, porquanto todos eles já estavam mortos; viviam, portanto, na condição de espíritos.

Russell Norman Champlin (1933- ), teólogo norte-americano, de origem Batista<sup>1</sup>, em análise do passo Mt 16,14 (=Lc 9,19), afirmou:

*"Uns dizem: João Batista".* Mat. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. **Difícilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos.** Tal teoria, portanto, **reflete a doutrina da transmigração da alma.** É óbvio que **essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus,** e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos **(provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira.** Conforme tais ideias se tinham desenvolvido nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas **poderiam tomar corpo novamente.** No caso de João Batista, não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". **Porém, uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à "reencarnação". O termo "transmigração" é usado por muitas vezes como sinônimo de "reencarnação".** A identificação de Jesus com João Batista, pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque **era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado,** e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias. (CHAMPLIN, 2005, p. 443, grifo nosso).

Eis aí um teólogo batista dando-nos a informação de que a reencarnação "ainda que

1 Fonte: <http://hagnos.com.br/autor.php?id=413>, acesso em 05.04.2011, às 08:12hs.

nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos (provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira.” É certo, que, para eles, a reencarnação consistia em ressuscitar em outro corpo. Ademais, também confirma-se que acreditavam que João era Elias reencarnado; justamente o que nós estamos afirmando, baseando-nos nos textos bíblicos; no entanto, ainda somos contestados pelos dogmáticos antirreencarnacionistas.

Jo 9,1-3: “E passando Jesus, viu um homem **cego de nascença**. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, **quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?** Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus”.

Mas que interessante: quando é que um cego de nascença pode pecar, se não se acredita em, pelo menos, uma vida pretérita? A pergunta sobre quem pecou se foi ele ou seus pais, nos induz à possibilidade de, também, crerem na lei de causa e efeito, o que vulgarmente se denomina de carma. Porém, neste caso, Jesus disse que não, que ele veio para “que se manifestem as obras de Deus”, ou seja, tinha uma missão, que será percebida ao se ler o passo até o final do capítulo: sua espinhosa missão era dar a Jesus a oportunidade de abrir os olhos dos fariseus, cegados pelo fanatismo religioso. Infelizmente, cegos desse tipo os vemos até nos dias de hoje.

Carma seria a lei dita por Jesus ao homem doente, havia trinta e oito anos, que curara e, ao encontrá-lo no templo, disse-lhe: “Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (Jo 5,14), estabelecendo, inapelavelmente, a ocorrência de sua doença como consequência do pecado que cometera. Também a vemos nestes passos: “os que cultivam injustiça e semeiam miséria, são esses que as colhem” (Jó 4,8), “a cada um segundo suas obras” (Mt 16,27), “todos que usam a espada, pela espada morrerão” (Mt 26,52) “quem comete o pecado, é escravo do pecado” (Jo 8,34), “quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher; quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher” (2Cor 9,6) e “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6,7).

Se em uma vida não der para se cumprir a lei de causa e efeito, como temos a impressão de que, muitas vezes, isso não é o que acontece à nossa volta, então, ela estender-se-á a outras vidas, porquanto o espírito infrator, apesar de vivenciar várias experiências na carne, é o mesmo e não um outro. Assim, como acreditamos ser o espírito imortal, somos levados a admitir que o reflexo dessa lei irá atingi-lo; será metido na “prisão” (corpo físico), “de onde não sairá, enquanto não pagar até o último centavo” (Mt 5,26).

Vejamos a opinião de Champlin, a respeito desse assunto, quando de sua análise do passo Jo 9,2: “Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”:

Era crença comum, entre os judeus, que os méritos e os deméritos dos pais se refletiam em seus filhos, e que até mesmo os *pensamentos da mãe* podiam afetar o estado moral de seus filhos ainda não nascidos. A apostasia manifestada por certo rabino, muito conhecido, foi atribuída, segundo a credence popular, ao deleite pecaminoso de sua progenitora, que ela teria experimentado quando passava por determinado bosque idólatra. O ensinamento rabínico enfatizava as advertências do A. T. que os pecados dos pais têm efeitos em seus descendentes. (Exemplos dessas advertências temos em Êxo. 20:5; 34:7; Núm. 14:18 e Deut. 5:9). Os livros apócrifos do A.T. também contam com passagens dessa natureza. Por exemplo, o livro de Sabedoria de Salomão 4:6, que diz:

*Pois filhos ilegalmente gerados são testemunhas da iniquidade,  
Contra os seus pais, quando Deus os sonda.*

E a passagem de Eclesiástico 41:5-7 diz:

*Os filhos dos pecadores são filhos abomináveis,  
E frequentam as habitações dos ímpios;  
A herança dos filhos de um pecador perecerá,  
E a posteridade dele será um opróbrio perpétuo.  
Os filhos se queixam de um pai ímpio,  
Porque serão repreendidos por causa dele.*

Acerca de como aquele homem poderia ter pecado pessoalmente, tendo

provocado a sua própria cegueira desde o nascimento, existem três possibilidades, a saber:

1. Havia nos tempos antigos a crença de que uma criança podia pecar quando *ainda estava no ventre* de sua mãe. (Ver declarações nesse sentido nos Targuns e no Talmude, *Strack and Billerbeck, II*, págs. 527-529). Os rabinos aludiam ao trecho de Gên. 25:22 (a luta entre Jacó e Esaú, no ventre materno), como sugestão sobre essa possibilidade.

2. Que *nos conselhos de Deus* o cego de nascença estava destinado a ser um pecador, ou pelo menos que foi previsto que assim sucederia a ele; e que o castigo que lhe era devido lhe fora aplicado desde o nascimento. Embora alguns bons intérpretes tenham advogado essa posição e outros acreditem que isso pode ser verdade em muitos casos, parece não haver qualquer probabilidade dessa circunstância neste caso. (Aqueles que defendem essa posição salientam passagens como Rom. 9:13,15-18).

3. **Que o cego de nascença já tivera outra existência terrena, na qual cometera algum grande pecado;** e por isso, ao reencarnar-se, teve de pagar pelo seu pecado ou pecados, mediante a sua cegueira desde o nascimento. Essa doutrina é denominada *karma* (palavra derivada do termo sânscrito que *significa feito ou ação*), a qual ensina que os homens atravessam diversas encarnações, e que esta vida consiste essencialmente no pagamento de dívidas atrasadas, por causa de erros em vidas passadas, ou do recebimento de benefícios, pelas bondades feitas em vidas de encarnações passadas. O alvo é alcançar finalmente certo estágio de perfeição, onde o indivíduo *pode sair* desse círculo vicioso, entrando em uma esfera superior, onde o desenvolvimento pode ter continuação, embora em nível mais elevado. Deus seria o alvo dessa perfeição. **Essa doutrina era ensinada nas escolas dos israelitas (incluindo os seminários dos fariseus). Até mesmo os essênios (a qual grupo João Batista teria talvez pertencido; ver Luc. 1:80 e Mat. 3:1) ensinavam essa doutrina**, e também os judeus *cabalísticos* (os que interpretavam mística e simbolicamente os escritos do A.T.; a palavra vem do termo hebraico “cabala”, que significa *lenda, doutrina mística*). **Que essa doutrina havia penetrado fundo na sociedade judaica fica demonstrado pelo fato de que quando falavam sobre as identidades de João Batista e de Jesus, houve declarações no sentido que poderiam ter sido Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas; e isso implica, definitivamente, na crença na reencarnação.** Essa crença é estranha para nossos ouvidos ocidentais; porém é extremamente comum, predominando nas religiões orientais, e nada é mais comum do que esse conceito no oriente. (Quanto a outras notas sobre essa doutrina, ver João 1:20).

Uma parte da razão por que essa crença veio a ser tão generalizada talvez seja a propagação das *ideias de Platão* e do *neoplatonismo*, conceitos esses que penetraram no judaísmo através de Filo e de outros filósofos judeus de Alexandria. Filo defendia a preexistência das almas e ensinava a reencarnação. (Ver “*Sobre os Gigantes*”, III.12:15). A passagem de Sabedoria de Salomão 8:19,20 parece dar apoio a essa ideia em seus aspectos mais gerais.

**Que uma crença mais ou menos definida na transmigração das almas era comum entre os judeus, ao tempo do ministério de nosso Senhor, se torna provável mediante as referências que há nos escritos de Filo e de Josefo.** Sabemos que essa era uma doutrina dos essênios e da cabala; e a encontramos nas palavras quase contemporâneas de Sabedoria de Salomão:

**“Sim, mas sendo bom, vim em um corpo imaculado” (8:20). (Ellicott, in loc.).**

Também sabemos que, de maneira limitada, alguns dos pais da igreja, como Orígenes, Justino Mártir e Clemente, eram defensores dessa doutrina (e alguns dizem que até mesmo Agostinho a advogava; mas as citações extraídas de seus escritos são duvidosas nesse particular). **Parece melhor, portanto, supormos que essa questão - “... quem pecou, este ou seus pais...?” - teve como alicerce a generalizada doutrina da reencarnação.** (Quanto a uma citação extraída de Josefo, que informa que os fariseus abraçavam a ideia da reencarnação, ver *Guerras dos Judeus*, I, 2, cap. 8, sec. 14. Quanto ao título rabino, ver as notas em João 1:38). (CHAMPLIN, 2005b, p. 423-424, grifo nosso).

Três coisas importantes podemos tirar de Champlin: 1ª) fala do karma; 2ª) confirma Josefo sobre a crença dos fariseus; e 3ª) conclui que o passo “teve como alicerce a

generalizada doutrina da reencarnação”.

E temos ainda as opiniões de Champlin e Bentes, que trazem dados importantes:

O ensino da **reencarnação** é amado, detestado; favorecido, temido. Sempre era e é uma coluna dogmática das religiões orientais; **foi ensinada nas escolas dos fariseus e essênios, e entre os judeus místicos da Cabala.** (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995c, p. 583, grifo nosso).

Transcrevemos desses dois autores o seguinte:

### c. A reencarnação no pensamento hebreu

É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: “*Morrendo o homem, porventura tornará a viver?*” (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação.** A palavra «Cabala» significa “receber”, e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura talmúdica e midráshica*. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do autismo). De 550 a 1000 D.C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático.[...]

Antes do desenvolvimento formal da *Cabala*, o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. **Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como Filo (30 A.C. – 50 D.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas.** É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus, bem como sobre o desenvolvimento dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico.

### d. A reencarnação no pensamento cristão

Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase certamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica, Americana e Encyclopedia of Religion*, Vergilius Ferm, editor).

#### Consideremos algumas referências bíblicas:

1. Mateus 16:13,14: “*Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas.*”

**Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado.** Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, Aclam Clarke, diz a respeito desses versículos:

“...a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada, porque era com base na mesma que eles acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus”.

Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. **A**

**doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema.**

2. João 9:1-3: *"Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença.. E os seus discípulos perguntaram. Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus".*

A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, **não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia**, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas **interrogavam a Jesus a respeito do karma, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação**. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros.

**Adam Clarke, ao comentar** sobre o trecho de João 9:1-3, apresenta uma nota elaborada a respeito da reencarnação, conforme ela é concebida dentro de várias culturas. **Ele exprime a convicção de que essa era a ideia que rebrilhava por detrás daquela indagação dos discípulos. E cita Josefo (Ant. b.XVIII. c.1, s.3; e Guerras dos Judeus, b.II, c.8, s. 14), onde aquele autor judeu forneceu-nos alguns detalhes sobre os ensinamentos dos fariseus a respeito da ideia.** Clarke dá a entender que o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem. Seria uma espécie de "recompensa", pois ofereceria uma oportunidade renovada. Com efeito, a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores.

A discussão exposta por Clarke também é interessante quanto a outros particulares. **Ele mostra como os antigos, incluindo os rabinos judeus, supunham que pecados específicos, em vidas anteriores, provocam problemas específicos em vidas sucessivas, reencarnadas.** Assim é que as dores de cabeça seriam uma punição contra aqueles que, em um estado anterior da existência, tenham falado com irreverência acerca de seu pai ou de sua mãe; a cegueira seria infligida aos anteriores matricidas; e até mesmo as marcas no corpo eram consideradas indicações de algum pecado na alma. Essa crença também é comum entre alguns modernos advogados da ideia da reencarnação, tal como sugestão feita por Edgar Cayce, de que a tuberculose resultaria de uma exagerada atividade sexual em vida anterior. Certos estudos, feitos através de regressão hipnótica, têm resultado em idêntica conclusão. (CHAMPLIN e BENTES, vol. 5, 1995, p. 585-586, grifo nosso).

Para quem "tem olhos de ver" a reencarnação fazia parte da crença dos judeus, se não em todo o período de sua existência, pelo menos, próximo ao que Jesus viveu, é fato incontestável.

Sobre os cegos de nascença, vejamos esta notícia, transcrita do Portal dos Psicólogos<sup>2</sup>:

### **Imagens e a cores**

**21 Janeiro 2003**

Privados da imagem desde sempre, os cegos de nascença sonham... com imagens. Assim mesmo, à semelhança do que acontece com as pessoas que veem. A descoberta foi feita por um grupo de investigadores portugueses do Laboratório do Sono do Hospital de Santa Maria e é publicada hoje na revista internacional Cognitive Brain Research. Os resultados foram comprovados por estudos de electroencefalogramas (EEG), que mostram a activação do córtex visual nos invisuais durante os sonhos.

2 [http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver\\_noticia.php?codigo=NO00109](http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109), acesso em 10.04.2011.

A investigação abre a porta para uma nova abordagem destas questões. A pré-publicação online, na semana passada, e na mesma revista, de um resumo dos resultados já deu origem a pedidos de mais informação por parte de investigadores de outros países.

Foi em 1998 que o jovem físico Hélder Bértolo se propôs responder a esta questão: será que os cegos de nascença têm activação do córtex visual? Não se sabia praticamente nada sobre o assunto, mas houve quem se risse e lhe chamasse utópico. A neurologista Teresa Paiva, que dirige o Laboratório do Sono no Hospital de Santa Maria, teve uma reacção diferente. Não só considerou a pergunta interessante como propôs que se utilizassem os sonhos como ferramenta de trabalho.

FILOMENA NAVES

([http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver\\_noticia.php?codigo=NO00109](http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109), acesso em 10.04.2011).

Teoricamente, partindo da crença de uma só vida, os cegos de nascença não teriam nenhuma imagem arquivada na mente; por esse motivo os seus sonhos não deveriam ter imagens, mas como ficou demonstrado que têm na pesquisa de Hélber Bértolo. Entendemos haver duas explicações para isso: primeira, seria a possibilidade de terem sido retiradas do arquivo mental, que chamamos de memória integral, onde estariam arquivados todos os acontecimentos ocorridos ao longo da vida de um espírito, imagens essas cujas existências só se justificaria com a reencarnação para explicar o fato; a segunda, poderia ser a hipótese de que nos momentos de desdobraimento de sua alma, o cego de nascença tenha relação com o mundo à sua volta e possa “ver” tudo tal qual se apresenta, ou seja, em cores, embora, na atual encarnação não possa identificar o azul do amarelo, por exemplo.

Entretanto, quando é um pintor cego de nascença<sup>3</sup>, como é o caso do turco Esref Argaman, aí, sim, acreditamos tratar-se de aquisições de outras vidas.

Provas de que os judeus acreditavam na reencarnação, também podemos encontrar em Severino Celestino da Silva, autor do livro *Analisando as Traduções Bíblicas*, no qual apresenta, para comprovação disso, esta frase do Rabino Ariele Karplan: “Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações” (SILVA, 2001, p. 158).

Um pouco mais à frente, Severino Celestino cita a opinião do Rabino Shami Ende:

Sobre a Reencarnação, apresentamos, aqui, para ilustrar, o depoimento do Rabino Shami Ende, colaborador da Revista Judaica “**Chabad News**”, publicação de Dez. [1997] a Fev 1998. Vejamos o texto na íntegra: “**O conceito de Guilgul (Reencarnação) é originado no judaísmo, sendo que uma alma deve voltar várias vezes até cumprir todas as mitsvot(1) da Torá. Além disso, cada alma tem uma missão específica. Caso não tenha cumprido a sua, a alma deve retornar a este mundo para preencher tal lacuna. Somente pessoas especiais sabem exatamente qual é sua missão de vida. [...]**”.

(1) Mitsvot – plural de mitsvá que significa mandamento ou prática de boas obras – caridade.

(SILVA, 2001, p. 161, grifo do original).

Vejamos agora o que o Rabino Philip S. Berg, em *Reencarnação as Rodas da Alma*, disse:

A palavra hebraica para reencarnação é Guilgul Neshamot, que literalmente quer dizer ‘roda da alma’. É para esta vasta roda metafísica, com sua coroa constelada de almas, como estrelas nas bordas de uma galáxia, que devemos dirigir nosso olhar, se desejamos ver além da aparência da inocência punida e da maldade recompensada. **Guilgul Neshamot é uma roda em constante**

3 <https://nequidnimis.wordpress.com/2009/09/22/pintor-cego-de-nascenca-impresiona-medicos-com-sua-abilidade-especial/>, acesso em 10.04.2011, à 07:17hs.

**movimento e, ao girar, as almas vêm e vão diversas vezes, num ciclo de nascimento, evolução e morte e novo nascimento.** A mesma evolução ocorre com o corpo no decorrer de uma única vida. Ocorre o nascimento, o crescimento das células, a paternidade e a morte – novos corpos produzidos pelos antigos, dando assim continuidade à forma física. É sempre um pai que concede sua semente para que haja continuidade, num processo sem fim. (BERG, 1998, p. 17-18, grifo nosso).

“A Cabala é o significado mais profundo e oculto da Torá, ou Bíblia”, diz Berg, quando desenvolve o tema dentro da ótica cabalista, do qual transcrevemos:

**Entre todos os que aceitam a doutrina da reencarnação, talvez os cabalistas** sejam os únicos que acreditam que uma alma pode retornar num nível inferior daquele que deixou em uma vida anterior. Efetivamente, se o peso do *tikun* (correção) for suficientemente pesado, uma alma humana poderá se encontrar reencarnada no corpo de um animal, de uma planta ou até mesmo de uma pedra. (BERG, 1998, p. 29, grifo nosso)

A diferença está em que nós, espíritas, não admitimos a possibilidade de retrocesso, ou seja, uma alma humana não reencarnará nunca no corpo de um animal, ser que ainda não tem o pensamento de forma contínua, como nós os humanos.

Esperamos ter apresentado elementos suficientes para demonstrar a crença dos judeus na reencarnação, ainda que não a compreendessem totalmente e a estendessem a todo mundo. Sigamos em frente. Porém, não nos iludamos, haverá ainda os contestadores, com seus sofismas de sempre, porquanto não mudam de argumentos, que, quase sempre, são os mesmos já utilizados a “milhões de anos”.

### **A profecia de sua volta**

Iremos encontrá-la no profeta Malaquias, cujo livro, último do Antigo Testamento, refere-se, provavelmente, aos acontecimentos do período de 515 a 445 a.C. Está no seguinte passo:

**MI 3,1: “Vejam! Estou mandando o meu mensageiro para preparar o caminho à minha frente. De repente, vai chegar ao seu Templo o Senhor que vocês procuram, o mensageiro da Aliança que vocês desejam. Olhem! Ele vem! - diz Javé dos exércitos”.**

Aqui temos a profecia sobre o envio de um mensageiro, que viria para preparar o caminho do Messias, o que, segundo acreditavam, aconteceria no grande dia terrível do Senhor, ou seja, pensavam que nesta época é que Deus iria proceder o restabelecimento de Israel como seu “povo eleito” quando, como consequência, haveria o julgamento das nações que o escravizaram.

É no final desse livro que esse mensageiro é identificado.

**MI 3,23-24: “Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias, antes que venha o grandioso e terrível Dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total”.**

Essa identificação daquele que seria enviado como sendo o profeta Elias é importante, pois, caso contrário, seria fácil atribuir a qualquer um o cumprimento dessa profecia, especialmente, aqueles que gostam de “provar” que todas as profecias bíblicas foram cumpridas, para justificar a tal da “inerrância” da Bíblia. E mais: quando Deus diz que vai mandar o profeta, Ele não diz que vai mandar um profeta qualquer; ele identifica esse profeta, cujo nome Ele diz que é Elias. Ora, como Ele diz que é Elias, não podemos dizer ao contrário, sob pena de chamá-Lo de mentiroso, por ter prometido enviar Elias e ter mandado outro profeta, ainda que com a mesma função...

Também em Eclesiástico, livro atribuído a Jesus Ben Sirac, mestre em sabedoria em Jerusalém, há a confirmação da volta de Elias, que, ao falar desse profeta, afirma: **“Nas ameaças para os tempos futuros, você foi designado para apaziguar a ira antes do furor, a fim de reconduzir o coração dos pais até os filhos e restabelecer as tribos de**

**Jacó**". (Eclo 48,10). E preste-se bem a atenção: "você [Elias] foi designado" e não um outro.

Encontramos essa curiosa explicação para o passo Mt 3,22-24, visando justificar a crença dos judeus para a volta de Elias:

Depois do seu encontro com Deus no monte Horeb (1Rs 19,1-18), Elias desaparece de cena, arrebatado por Deus (2Rs 2,1-18). **Por isso a tradição judaica dos últimos séculos antes de Cristo esperava o seu retorno, como precursor da era messiânica** (Eclo 48,10s). Na cena da transfiguração Elias aparece ao lado de Moisés (Mt 17,1-18) para reforçar a voz que se faz ouvir no céu: "este é meu Filho muito amado, ouvi-o" (Mc 9,7). **Jesus nesta ocasião identifica o Elias que deveria vir com João Batista** (cf. Mc 9,9 e nota). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1172, grifo nosso).

Muito bem; o que não se faz para fugir da ideia da reencarnação?!... Seria a questão de se perguntar: por que os judeus, da mesma forma, não esperavam a volta de Henoc, pelo motivo dele, também, conforme se apreende dos textos bíblicos, ter sido arrebatado ao céu?... Muito estranho! Portanto, fica claro que a crença na volta de Elias nada tem a ver com o fato dele ter sido supostamente arrebatado.

### **O anúncio de sua próxima realização**

Encontramos somente em Lucas o relato do anjo Gabriel dizendo a Zacarias, sobre o nascimento de um filho que deveria ser chamado de João, apesar de sua mulher ser estéril e ambos já velhos.

Lc 1,11-19: *"Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor. Estava de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo, Zacarias ficou perturbado e cheio de medo. Mas o anjo disse: 'Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu o seu pedido, e a sua esposa Isabel vai ter um filho, e você lhe dará o nome de João. Você ficará alegre e feliz, e muita gente se alegrará com o nascimento do menino, porque ele vai ser grande diante do Senhor. Ele não beberá vinho, nem bebida fermentada e, desde o ventre materno, ficará cheio do Espírito Santo. Ele reconduzirá muitos do povo de Israel ao Senhor seu Deus. Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto'. Então Zacarias perguntou ao anjo: 'Como vou saber se isso é verdade? Sou velho, e minha mulher é de idade avançada'. O anjo respondeu: 'Eu sou Gabriel. Estou sempre na presença de Deus, e ele me mandou dar esta boa notícia para você'".*

Na profecia de Malaquias (Mt 3,24) é dito que Elias iria "fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais", exatamente aquilo que o anjo Gabriel prevê que o filho de Zacarias viria "a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos" (Lc 1,17b); há, portanto, uma relação direta entre a profecia de Malaquias e o personagem João, o filho de Zacarias.

Além disso, é dito que o menino João, que irá nascer, virá "com o espírito e o poder de Elias" (Lc 1,17a), o que em outras palavras, podemos dizer que era o próprio Elias, ou seja, o mesmo espírito que estava voltando em cumprimento da profecia; é, portanto, a confirmação desse cumprimento, pois, caso não fosse sobre ele, ter-se-ia dito algo assim: "com o espírito e o poder de Deus". Isso ficará ainda mais claro no passo do item que falará da identificação do profeta (Mt 11,7-15).

É bom esclarecer que as traduções bíblicas não são unânimes em usar a mesma expressão em Lc 1,17: a) "com o espírito": Pastoral, de Jerusalém, Mundo Novo, do Peregrino, Paulinas 1977, Paulinas 1980, Ave Maria, Paulinas 1957 e Santuário; b) "no espírito": Shedd, Barsa, SBTB, SBB, Vozes e Anotada.

O teólogo Pastorino, analisando o versículo 17, desse passo, deu a seguinte explicação:

**No sentido literal, não há sofisma que permita escapar da conclusão de que João era a reencarnação de Elias.** Leiam-se os trechos nacionalistas (de) Van Hoonacker, em sua obra *LES Petis Prophètes*, página 741, escreve:

"pela grandeza de sua missão, deveria tratar-se de qualquer maneira de uma nova encarnação do espírito e do poder de Elias"

Mais ainda: a expressão grega ἐν πνεύματι καὶ δυνάμει ἡλίου, revela isso mesmo. O emprego da preposição en, com o sentido da preposição hebraica be (בְּ), que se encontra, por exemplo, em Marcos 5:2, quando diz "um homem NO espírito imundo", significando o reverso: "um espírito imundo NO homem", era comum. O jesuíta M. Zerwick (in *"Graecitas Biblica"*, 4.<sup>a</sup> edição, Roma, 1960, números 116 a 118) estuda a questão do EN grego com o sentido associativo ou de companhia, que será sempre melhor traduzir por "com", ao invés de por "em". Assim, segundo o estudioso jesuíta, é melhor dizer-se: "ele (João) iria diante do Senhor COM o espírito e poder de Elias". E isso confirma a tese da reencarnação de Elias na personalidade de João Batista, coisa que Jesus afirmará categoricamente, o que estudaremos a seu tempo. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 34, grifo nosso).

Do autor citado por Pastorino, temos os seguintes dados: Albin-Augustin Van Hoonacker (1857-1933) foi um teólogo católico romano, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Leuven, membro da Academia Real da Bélgica e Cavaleiro da Ordem de Leopold. (Fonte: en.wikipedia.org/wiki/Albin\_van\_Hoonacker).

Na Bíblia Shedd, encontramos explicações interessantes para dois passos; uma delas fala de Elias e a outra de João Batista; vejamos:

1) Lc 1,17: "*Elias. Comparando-se João com Elias, vemos que não há outras duas pessoas com maior semelhança na Bíblia* (cf. Mt 11,14). (Bíblia Shedd, p. 1422, grifo nosso).

2) Mt 17,10-13 Os judeus estavam aguardando um segundo aparecimento de Elias antes da vinda do Messias (Mt 4,5), mas Jesus demonstrou que era João Batista o cumpridor dessa missão profética (aliás, **suas vestes e sua maneira de viver já apontavam para o caráter de um Elias**). (Bíblia Shedd, p. 1357, grifo nosso).

Identificando a semelhança entre a maneira de viver e a de caráter, só faltou completar dizendo que ambos eram o mesmo espírito, o que em outras palavras significa dizer que João Batista era Elias em nova encarnação.

Digno ainda de nota é o fato de que João Batista morreu degolado (Mt 14,9-10), cumprindo-se a inexorável lei divina, revelada por Jesus: "*todos os que usam a espada, pela espada morrerão*" (Mt 26,52), pois ele, quando viveu como Elias, havia degolado os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal (1Rs 18,22.25.40), divindade fenícia, que o rei Acab havia introduzido entre os israelitas. Popularmente, se diria: cumpriu-se o carma. É bom esclarecer, aos menos avisados, que isso não significa que ele tenha que morrer tantas vezes quanto a quantidade de pessoas que matou. Aliás, o carma só é fatal para quem não faz absolutamente nada para se ajustar à justiça divina; todos aqueles que agem no amor, fazendo ao próximo aquilo que querem para si, ganham méritos e, com isso, atenuam ou até mesmo extinguem o seu carma: "*O amor cobre multidão de pecados*" (Tg 5,2; 1Pe 4,8).

### **A crença na profecia sobre a volta de Elias**

É importante confirmar que existia, entre o povo daquela época, a crença de que Elias voltaria, conforme se profetizou, pois ele antecederia ao Messias, que, sempre e mais do que tudo, esperavam vir. Eis duas passagens que provam isso:

Mt 16,13-14: "*Jesus chegou à região de Cesareia de Filipe, e perguntou aos seus discípulos: 'Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?' Eles responderam: 'Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros ainda, que é Jeremias, ou algum dos profetas'*".

Mt 17,10-11: "*Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem'*".

No primeiro passo, vemos que o povo em geral, achava que Jesus poderia ser, entre

outros, o profeta Elias; o motivo é pelo fato deles acreditarem firmemente que o tesbita voltaria, porquanto havia uma profecia que dizia isso, o que, no segundo passo, é confirmada por Jesus. Ainda com relação a esse passo, temos a destacar uma coisa que passa despercebida para a maioria dos que o leem, que é a pergunta feita por Jesus a respeito de *"quem os homens achavam quem Ele era"*; ora, se Jesus não tivesse consciência de que eles, inclusive os apóstolos, acreditavam na reencarnação, não teria feito essa pergunta, já que, se assim não se a entender dessa forma, ela perderá o sentido de ter sido feita, dentro do texto e contexto do passo. Além disso, não podemos deixar de destacar que, dessa forma, Jesus está, mais uma vez, confirmando que Elias voltaria; se ele não tiver vindo, como os antirreencarnacionistas insistem em pensar, então, forçosamente, teremos que aceitar que Jesus não disse a verdade ao afirmar que **"Elias vem para colocar tudo em ordem"** (Mt 17,11). Preferimos não deixar Jesus nessa triste situação, acreditando no que ele está dizendo aqui, e, via de consequência, admitirmos que João Batista é Elias em nova encarnação, mesmo que isso venha a contrariar a interpretação tradicional dada pela liderança religiosa. Aliás, o que vemos muito é exatamente isso, ou seja, apego exacerbado às interpretações tradicionais, que não deixa o fiel livre para buscar outras hipóteses, que não aquelas que lhes foram passadas pelos líderes, que, em sua grande maioria, jamais se preocuparam com a salvação de alguém; mas, antes, com seu próprio interesse no *status* de poder e em ter uma forma fácil de extorquir-lhes o dízimo.

Ademais não se poderá alegar, para "salvar-se a pátria", que Elias era esperado (de corpo e alma) porque foi levado para o "o céu" também de "corpo e alma"; isso porque da mesma forma, pensavam que Jesus poderia ser Jeremias ou algum dos profetas, e, a todos eles, aconteceu de não terem sido "arreatados", ao contrário do que acreditavam ter acontecido a Elias, por conta de lenda que se espalhou sobre isso. Voltaremos à questão um pouco mais à frente.

### **A identificação do profeta que voltou**

Vejamos o seguinte passo:

Mt 11,7-15: *"Os discípulos de João partiram, e **Jesus começou a falar às multidões a respeito de João**: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora**, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. **E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça**".*

A clareza com que Jesus afirma que *"É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente;..."* (Mt 11,10) não deveria deixar margem a nenhuma dúvida ou a interpretações dogmáticas, e de conveniência, pois, aqui, ele estabeleceu uma relação direta de João com o cumprimento da profecia de Malaquias, sobre o envio do mensageiro (Ml 3,1), que está sendo identificado, pelo próprio Jesus, como sendo João Batista.

Por outro lado, sendo mais enfático, Jesus, em se referindo a João Batista, afirma: *"Ele mesmo é o Elias que estava para vir"*, completando: *"Quem tem ouvidos, ouça"* (Mt 11,15), frase singular, pois, tivesse ele tratando de coisa comum, não haveria sentido em falar desse jeito; mas, como estava afirmando que João era a reencarnação de Elias, foi, usando outras palavras, preciso alertá-los: "quem quiser acreditar, que acredite", tão certo estava que os negadores da reencarnação apareceriam para contestá-lo, fato que vemos acontecer até hoje. Sobre o "Ele mesmo", voltaremos ao assunto mais à frente, no próximo tópico.

Então, a coisa é bem simples: se João Batista não for Elias, tem-se que admitir que Jesus faltou com a verdade, e, mais ainda, que Deus nos enganou por ter prometido enviar Elias e não o enviou. E aí perguntamos: para onde vai a tese da "inerrância" bíblica, diante dessas duas situações?

Pastorino, em análise a este passo diz:

A previsão do regresso de Elias à Terra (cfr. Mat. 3:23-24) "eis que vos envio Elias, o profeta, antes que chegue o dia de YHWH grande e terrível: ele reconduzirá o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais" ... **é confirmada no Eclesiástico (48:10)** ao elogiar Elias "**tu, que foste designado para os tempos futuros como apaziguador da cólera**, antes que ela se inflame, conduzindo o coração do pai para o filho".

Alguns pensam tratar-se "do último dia do juízo final", mas Jesus mesmo dá a interpretação autêntica, quando diz: "eu vos declaro que Elias já veio mas não foi reconhecido" ... "e os discípulos entenderam que Ele lhes falava de João Batista" (Mat. 17:12-13).

**Então, não pode restar a mínima dúvida de que Jesus confirma, autoritária e inapelavelmente, que João Batista é a reencarnação de Elias.** Embora sejam duas personalidades diferentes, o Espírito (ou individualidade) é o mesmo. **Gregório Magno compreendeu bem o mecanismo quando, ao comentar o passo em que João nega ser Elias (João, 1:21) escreveu:** "em outro passo o Senhor, interrogado pelos discípulos sobre a vinda de Elias, respondeu: Elias já veio (Mat. 17:12) e, se quereis aceitá-lo, é João que é Elias (Mat.11:14). João, interrogado, diz o contrário: eu não sou Elias ... É que João era Elias pelo Espírito (individualidade) que o animava, mas não era Elias em pessoa (na personalidade). O que o Senhor diz do Espírito de Elias, João o nega da pessoa" (Greg. Magno, Hom. 7 in Evang., *Patrol. Lat.* vol. 76, col. 1100).

Jesus não precisava entrar em pormenores sobre a reencarnação, pois era essa uma crença aceita normalmente entre os israelitas dessa época, sobretudo pelos fariseus, só sendo recusada pelos saduceus. (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 1964, grifo nosso).

Merece destaque o trecho no qual Jesus diz "**Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo**" (Mt 11,12). Levando-se em conta que a expressão "**desde os dias... até agora**" se referir a alguma coisa que tenha iniciado num tempo passado e considerando que Jesus e João Batista foram contemporâneos, não há sentido algum ela ter sido proferida, a não ser que se leve em conta a possibilidade de que João é mesmo Elias reencarnado; ai, sim, é compreensível, pois Jesus estaria se referindo a essa existência anterior de João.

Na versão Bíblia de Jerusalém, lemos: "**Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João**" (Mt 11,12). Então, podemos concluir que "**o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele**", tem como motivo o fato de que "**todos os profetas como a Lei profetizara, até João**", ou seja, a antiga Aliança não levava a perfeição; caso tivesse ela sido boa, não seria preciso uma segunda; é isso que entendemos e que podemos depreender das seguintes passagens:

Rm 7,6: "**...fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra**".

Gl 2,21: "**Portanto, não torno inútil a graça de Deus, porque, se a justiça vem através da Lei, então Cristo morreu em vão**".

Gl 5,4: "**Vocês que buscam a justiça na Lei se desligaram de Cristo e se separaram da graça**".

Hb 7,18-22: "**Assim, fica abolida a lei anterior, por ser fraca e inútil; de fato, a Lei não levou nada à perfeição. Por outro lado, introduziu-se uma esperança melhor, graças à qual nos aproximamos de Deus. Além do mais, isso não aconteceu sem juramento. Os outros se tornavam sacerdotes sem juramento; Jesus, porém, recebeu um juramento de Deus, que lhe disse: 'O Senhor jurou, e não voltará atrás: você é sacerdote para sempre'. Por essa razão, Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor**".

Hb 8,6-7.13: "**Jesus, porém, foi encarregado para um serviço sacerdotal superior, pois é mediador de uma aliança melhor, que promete melhores benefícios. De fato, se a primeira aliança não tivesse defeito, nem haveria lugar para segunda aliança. Dizendo 'aliança nova', Deus declara que a primeira ficou antiquada; e**

*aquilo que se torna antigo e envelhece, vai desaparecer logo”.*

Portanto, o “desde os dias”, segundo entendemos, só pode estar se referindo ao tempo em que vigoravam a Lei e os profetas (o Antigo Testamento), razão pela qual julgamos possível apontar Elias como sendo o seu representante.

É provável que se encontre alguém que queira justificar o “desde os dias” (Mt 11,12) dizendo que se refere apenas ao início da pregação de João Batista; tudo bem, não podemos forçar ninguém a mudar de ideia; entretanto, cabe-lhe explicar porque os violentos também não teriam agido no período anterior ao que João começou a pregar.

Existe ainda uma outra passagem, na qual também ocorre essa identificação; inclusive já a citamos; mas, agora, iremos transcrevê-la por completo, uma vez que naquele momento isso não era apropriado ao tópico.

*Mt 17,10-13: “Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. **Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram.** Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo’. **Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista**”.*

Mais claro que isso é impossível. Jesus, confirmando a profecia de Malaquias sobre a volta de Elias, aqui Ele afirma que “**Elias já veio**”, mas que não foi reconhecido. E por que motivo Elias não foi reconhecido? É, novamente, bem simples: “o espírito e o poder de Elias” estavam agora animando o corpo de João Batista, o que não foi difícil para os discípulos entenderem, uma vez que sabiam que Jesus estava falando de João, conforme se lê no próprio texto. Uma coisa importante, mas que aparentemente fica despercebida, é a pergunta feita pelos discípulos sobre a vinda de Elias e o fato deles terem entendido que Jesus lhes falava de João Batista, pois, se os discípulos (pelo menos Pedro Tiago e João) não tivessem conhecimento da reencarnação, não teriam perguntado sobre a vinda de Elias e, muito menos, teriam entendido que o Mestre lhes falava de João Batista

Em Marcos também encontramos essa afirmativa, o seguinte: “*Eu, porém, digo a vocês: **Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele**”.* (Mc 9,13), mudando-se a ordem temos: “... Elias já veio exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele e fizeram com ele tudo o que queriam”. Portanto, a missão de Elias já ter vindo para o cumprimento das Escrituras é, categoricamente, afirmada.

### **Objecções a João ser Elias**

Tudo bem; se os objetores querem contrariar o que Jesus disse, não podemos fazer absolutamente nada. O que nos cabe é apenas contestar essas objeções, sem querer impor a ninguém a nossa forma de pensar.

Uma coisa que não se dão conta é que, para Jesus poder ser considerado o Messias, fato que não contestarão, é necessário Elias vir antes Dele, de acordo com a profecia de Malaquias, e não outro em seu lugar, ainda que com ministério semelhante, para preparar-lhe o caminho; logo, a esses cumpre nos explicar: onde o profeta tesbita estava, e por qual motivo ele ainda não veio, para cumprimento da profecia de Malaquias?

Vejamos os seguintes passos, que afirmam que João é Elias:

*Mt 11,10: “**É de João que a Escritura diz: ‘Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti’**”.*

*Mt 11,14: “E se vocês o quiserem aceitar, **João é Elias que devia vir**”.*

*Mt 17,12: “Mas eu digo a vocês; **Elias já veio, e eles não o reconheceram**”.*

Diante de afirmativas tão contundentes, não há como negar que Elias tenha voltado e vivido como João Batista. Não vemos sentido em objetar-se com a crença na lenda de que Elias teria sido arrebatado de corpo e alma ao reino do céu, se confrontada essa afirmativa com estes três passos: “*O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada*” (Jo 6,63), “é

*semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual"* (1Cor 15,44) e *"a carne e o sangue não podem receber em herança o reino do céu"* (1Cor 15,50).

Fora isso, podemos argumentar que os amigos de Elias, Eliseu e os demais irmãos profetas, não acreditaram que ele tenha ido para o "céu", considerado como "reino de Deus", mas, sim, a um outro lugar, razão pela qual Eliseu permitiu que o procurassem Elias, conforme consta neste passo:

2Rs 2,15-18: "[...] Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele, e disseram: "Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre. **Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale**". Eliseu respondeu: 'Não mandem ninguém'. Eles, porém, insistiam tanto, a ponto de aborrecê-lo. Por fim, ele disse: 'Então mandem'. Eles mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias, mas não o encontraram. Voltaram para Eliseu, que tinha ficado em Jericó. Então Eliseu lhes disse: 'Não falei para vocês não irem?'"

Assim, para as testemunhas oculares do acontecimento, Elias não foi "arrebatado ao céu" (paraíso celeste), porque, certamente, sabiam que redemoinho ou turbilhão (2Rs 2,1.11), segundo algumas traduções, não leva ninguém para lá. Somente após esse episódio se transformar numa lenda é que se passou a acreditar que teria ido para junto de Deus.

Será que esse "céu" aí é o mesmo "reino de Deus" citado por Jesus? Se for, então temos algo bem estranho, pois Jesus disse que *"o reino de Deus está dentro de vós"* (Lc 17,21), do que se pode concluir que é um estado íntimo e não um lugar circunscrito. Ainda afirmou que na ressurreição todos *"serão como os anjos do céu"* (Mt 22,20), o que significa que não teremos corpo físico, mas espiritual. Diante desses dois pontos perguntamos: para onde então foi Elias, caso tenha sido arrebatado, como se pretende fazer crer?

Por outro lado, nem todo mundo acredita que Elias não tenha morrido; podemos citar, por exemplo, a equipe de tradutores da Bíblia de Jerusalém, que, em se referindo a esse suposto arrebatamento, afirma: "[...] **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pôde chegar a essa conclusão**. Sobre o 'retorno de Elias' cf. MI 3,23+". (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 508-509, grifo nosso).

Do monsenhor Francesco Spadafora (1913-1997), professor universitário, temos essa informação do seu texto "O profeta Elias"<sup>4</sup>:

Porém **em outros textos** (cf. Zohar Bresit, 137; Sepher Ha-pardes, 24,4) **se afirma que Elias deixou seu corpo material para tomar outro luminoso**: "Como Elias pôde subir e habitar os céus que não sustentam nem um grão de trigo?". O rabino Simão bar Jochai responde: "Encontrei escrito: entre os que nasceram neste mundo, haverá um espírito que baixará sobre a terra e vestirá um corpo. O seu nome é Elias. Ele voltará a subir ao céu, **seu corpo permanecerá no turbilhão e seu espírito revestirá um corpo luminoso para que possa habitar entre os anjos**". (SPADAFORA, 1972, site Hermanubis, grifo nosso).

Certamente, que, por uma explicação como essa, torna mais verossímil o arrebatamento de Elias, porquanto não se admite ter ele ido de corpo e alma para o "céu".

É comum, entre os protestantes, tomarem os trechos **"com o espírito e o poder de Elias"** (Lc 1,17) e **"João é o Elias"** (Mt 11,14), conforme consta de algumas traduções, para alegar que João Batista não era Elias, mas que tinha um "ministério" semelhante ao de Elias, se apegando ao artigo "o" antes do nome Elias; entretanto, além de não haver nada escrito sobre isso, pois a citação é literal, ELIAS, com todas as letras, basta ver nos três passos acima, onde não consta nada sobre semelhança de ministério. Por que, então, Jesus não usou o termo ministério para não causar confusão? Não é muito estranho? Os fundamentalistas querem dizer com esse tal de "ministério" o que a própria Bíblia não disse. E por que fazem isso? Para esconder a reencarnação. Nada mais que isto. Se alguém diz que vai receber, na sua residência, o amigo João; podemos, diante disso, esperar, por exemplo, pela vinda de Maria?

4 Conforme consta do site, em nota: "Título original: Elia Profeta, em Santi del Carmelo, Institutum Carmelitanum, Roma 1972, p. 136-153".

Aliás, é a maior confusão que se faz na tradução, pois das quinze Bíblias que pesquisamos, em nove delas lemos "**com o espírito**", as outras seis já trazem "**no espírito**". Acreditamos que é justamente para tirar a ideia da reencarnação. E ainda dizem, sem o menor constrangimento, que os textos são fiéis aos originais, quando muitos se ajustam aos dogmas estabelecidos pelos teólogos de cada corrente doutrinária.

Alguém poderá nos objetar dizendo que o texto de Mt 11,14, logo acima, é diferente de "*Ele mesmo é o Elias que estava para vir*", que citamos anteriormente e prometemos voltar ao assunto, porquanto um diz "*João é Elias*" e o outro já afirma "*Ele mesmo é Elias*"; afinal, qual desses é o verdadeiro?

Podemos dizer que a culpa dessa diferença não é nossa, pois encontramos três versões seguintes para esse trecho: "**é o Elias**"; "**é este o Elias**" e "**ele mesmo é o Elias**". Segundo o professor Pastorino o correto seria a seguinte versão:

Mt 11,14: "*E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir*".

Explicando-a, disse:

**A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns.** Mas o grego é bem claro: *kai (e) ei (se) thélete (quereis) decsásthai (aceitar, inf. pres. ) autós (ele mesmo) estin (é) Hêlías (Elias) ho méllôn (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") érchesthai (inf. pres.: a vir).*

A Vulgata traduziu: "*et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est*", em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). **Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado"**. Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "*ipse est Elias debens venire*", **o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado) a vir"**. Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá vir*), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. (PASTORINO, 1964, vol. 3, p. 16, grifo nosso).

Portanto, tudo nos leva a crer que as versões, divergentes dessa tradução de Pastorino, têm como objetivo esconder a ideia da reencarnação, que ficaria nítida na forma correta. Duvidamos que os líderes religiosos, que, em sua maioria, possuem muito mais conhecimento que nós, não saibam dessa alteração na tradução.

Na *Bíblia Sagrada Vozes*, seus tradutores fazem questão de tirar da cabeça dos leitores a ideia da reencarnação, conforme pode-se ver nesta explicação sobre o passo Mt 11,13:

**Elias**, segundo Mt 3,23s, é o precursor do Messias. Se Jesus é o Messias, a profecia já deve estar cumprida com João Batista (Mc 9,13). João Batista é Elias enquanto caminhou "diante do Senhor no espírito e no poder de Elias, para reconduzir os corações dos pais aos filhos e os rebeldes aos sentimentos dos justos a fim de preparar-lhe um povo de boa vontade" (Lc 1,17). **Não se trata, pois, de uma reencarnação de Elias.** (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1190, grifo nosso).

O pobre do fiel é levado nessa onda, quando não busca a verdade dos fatos, preferindo acreditar no que seus líderes falam.

Leiamos agora o seguinte passo:

Lc 9,28-32: "*Oito dias após dizer essas palavras, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago, e subiu à montanha para rezar. Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante. Nisso, dois homens estavam conversando com Jesus: eram Moisés e Elias. Apareceram na glória, e conversavam sobre o êxodo de Jesus, que iria acontecer em Jerusalém. Pedro e os companheiros dormiam profundamente. Quando acordaram, viram a glória de Jesus, e os dois homens que*

*estavam com ele”.*

Esse episódio se convencionou chamá-lo de “A transfiguração de Jesus”, que também é narrado por Mateus (Mt 17,1-9). A objeção que se faz é que, se João fosse mesmo Elias, ele, ao aparecer, deveria apresentar-se como era na última encarnação, ou seja, com os traços de João e não como os de Elias, uma vez que o relatado aconteceu depois da morte de João.

Seria até um bom argumento, caso um espírito não pudesse se manifestar com qualquer uma das aparências físicas que possuía em suas várias vidas anteriores. Vejamos como Kardec explica essa questão:

**Os Espíritos agindo sobre os fluidos espirituais**, não os manipulam como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. **O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos tal ou tal direção; aglomeram-nos, combinam-nos ou os dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma, uma cor determinada;** mudando-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou outros corpos, os combinam segundo certas leis; é a grande oficina ou o laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; **basta ao Espírito pensar numa coisa para que essa coisa se produza**, como basta modular uma ária para que essa ária repercuta na atmosfera.

**É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado da visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo, na época em que foi conhecido, tivesse tido várias encarnações depois.** Ele se apresenta com a roupa, os sinais exteriores, -enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então; um decapitado se apresentará com a cabeça a menos. Não é dizer que ele conserva essas aparências; não, certamente; porque como Espírito ele não é nem coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado, mas seu *pensamentos* e reportando à época em que era assim, seu perispírito lhe toma instantaneamente as aparências, que deixa do mesmo modo instantaneamente, desde que seu pensamento deixa de agir. Se, pois, foi uma vez negro, outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, segundo a dessas duas encarnações sob a qual for evocado, e onde se reportar o seu pensamento. (KARDEC, 1993, p. 167-168, grifo nosso).

O perispírito, que Paulo chamou de corpo espiritual, é modelado, vamos assim dizer, pelo pensamento; assim, basta ao espírito pensar como fisicamente ele era, numa determinada encarnação, para que seu corpo espiritual assuma essa forma. Quem tiver condições de vê-lo, o verá com a imagem da época em que o espírito quis se fazer reconhecer.

Informa-nos Luiz Gonzaga Pinheiro, em *O perispírito e suas modelações*, que o corpo perispíritual era conhecido e estudado há milênios, citando alguns povos que o conheciam:

**Egípcio:** Khá, **Pitágoras:** Corpo sutil da alma, **Aristóteles:** Corpo sutil e etéreo, **Platônicos:** Okhêma, **Neoplatônicos:** Aura, **Tertuliano:** Corpo vital da alma, **Proclo:** Veículo da alma, **Budismo:** Kama-rupa, **Cabala:** Rouach, **Vedanta:** Manu, mãyã, kosha, **Hipócrates:** Eu astral, **Caldeus:** Coroa de fogo, **Paulo de Tarso:** Corpo espiritual; **Cristãos primitivos:** Corpo glorioso; **Paracelso:** Corpo Astral, **Católicos:** Alma, **Teósofos:** Corpo causal, **Leibniz:** Corpo fluídico, **Zöllner:** Corpo fantasma, **Rosa-crucianos:** Corpo vital, **Ocultistas:** Ego Transcendental e **Pesquisadores modernos:** Corpo psíquico, corpo bioplasmático. (PINHEIRO, 2009, p. 127-128).

Portanto, não é algo inventado pelos espíritas, como se costuma dizer por aí.

O texto afirma que Moisés e Elias apareceram na glória (Lc 9,30-31), ou seja, manifestaram-se em espíritos – como desencarnados.

Uma outra objeção, tomam-na da seguinte passagem bíblica:

Jo 1,19-23: "O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram: '**Então, quem é você? Elias?**' João disse: '**Não sou**'. Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'. Então perguntaram: 'Quem é você? Temos que levar uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?' João declarou: 'Eu sou uma voz gritando no deserto: 'Aplainem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías'".

Essa negativa de João Batista, de que ele não era Elias, é um prato cheio aos opositoristas da reencarnação, que, absolutamente, não admitem que João seja Elias, em manifesto conflito com o que Jesus disse, ou seja, dão mais valor ao que diz João do que ao afirma Jesus.

Para quem tem um pouco de conhecimento do mecanismo da reencarnação, a explicação é fácil: embora tenhamos tudo gravado em nosso arquivo psíquico, que poderíamos chamar de memória integral, quando estamos encarnados não lembramos do que fomos em reencarnações anteriores, pois isso prejudicaria sobremaneira a nossa relação com os familiares e, possivelmente, até com vários membros da sociedade na qual vivemos. Razão tinha o amigo de Jó ao dizer-lhe "somos de ontem e nada sabemos" (Jó 8,9), embora em outro contexto.

É bom explicar que esse conhecimento é, algumas vezes, conseguido por certos indivíduos (geralmente são crianças), que de alguma maneira têm acesso a essa memória integral e se lembram de alguns acontecimentos de suas vidas passadas. Kardec explicava que "O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança" (KARDEC, 1999, p. 49).

Além disso, também, podemos mencionar a Terapia Regressiva de Vidas Passadas - TRVP, aplicada por muitos profissionais que estudam o comportamento humano. Pelo que alguns deles relatam estão conseguindo obter resultados positivos, onde, pela terapia convencional, nada se conseguiu. Então, podemos dizer que é a ciência que vem, aos poucos, é claro, confirmando a reencarnação como uma lei da natureza; portanto, divina.

O curioso é que se nós fôssemos perguntar por aí, aos amadurecidos pelo tempo: você se lembra do que lhe aconteceu quando tinha três anos de idade? É certo que a maioria das pessoas não saberia dizer nada; porém, disso é ilógico concluirmos que elas não existiram; não é mesmo? E talvez nem fosse necessário ir tanto atrás no tempo; basta querer saber o que fizemos há um mês, que já não nos lembramos. Portanto, usar essa negativa de João Batista não é um argumento forte para derrubar a convicção de que ele, anteriormente, viveu como Elias.

Ademais, insistimos, é fato incontestado que, quase todos nós, não nos lembramos de todos os acontecimentos da vida atual, que sabemos não estarem perdidos, mas totalmente arquivados no inconsciente, que, por um motivo ou outro, poderão vir à tona. Então, nesse mesmo inconsciente, na memória integral da qual falamos, se encontram gravados todos os acontecimentos anteriores, adquiridos em nossas mil e uma reencarnações pregressas. Assim, como não podemos dizer que não vivemos nessa vida certa experiência porque, no momento, não nos lembramos dela, isso se aplica às nossas experiências em vidas anteriores, pelas quais nosso espírito vem aperfeiçoando-se moral e intelectualmente.

## Conclusão

Sabemos ser um estudo modesto; inclusive, quase tudo o que aqui argumentamos, já o dissemos alhures; apenas mudamos a forma apresentá-los, para aumentar a possibilidade de se fazer sentir e perceber a clareza dos textos bíblicos. Porém, ainda haverá os sistemáticos, geralmente, dogmáticos, que não conseguirão ver nada de novo aqui que os leve a mudar de posição; a eles, só podemos dizer, ou melhor, repetir o que Jesus disse: "Quem tem ouvidos, que ouça". (Mt, 11,15).

Alguns desses sistemáticos continuarão a argumentar que não acreditam na reencarnação porque na Bíblia não existe a palavra reencarnação, com o que, obviamente, concordaremos; entretanto, se a palavra não existe, a ideia de voltar a uma nova vida, lá se encontra; porém, somente para quem tem olhos de ver. E utilizando-nos desse mesmo tipo de argumento, podemos negar a **Trindade** porque também essa palavra não é encontrada nos

textos bíblicos; nem por isso a grande maioria dos fiéis deixa de acreditar na sua existência. Ficamos empatados!

E, por derradeiro, é bom lembrarmos que Jesus, numa certa feita, disse a seus discípulos: "*Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar*". (Jo 16,12), demonstrando que nem tudo ele poderia dizer, por faltar aos espíritos de encarnados naquela época, capacidade para entendê-lo. Não temos dúvida de que a reencarnação fazia parte desses ensinamentos, que seriam postergados para o futuro, até que aqueles espíritos (talvez até alguns de nós) reencarnados adquirissem entendimento suficiente para ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Aliás, para nós ela não é uma questão religiosa, mas puramente de ciência, uma vez que a reencarnação faz parte das leis naturais, que, mais dia menos dia, será provada cientificamente; aos que duvidam, diremos, como Kardec: "É inútil negar e zombar, como outrora foi inútil negar e zombar dos fatos adiantados por Copérnico e Galileu". (KARDEC, 1993, p. 44).

E, finalizando, vamos deixar esta fala de Orígenes (185-253) para reflexão: "Fica patente que a natureza humana é afligida com este obstáculo, se pensarmos na dificuldade que sentimos em mudar de opinião uma vez que ficamos na prevenção, ainda mesmo em favor das mais vergonhosas e mais fúteis tradições dos antepassados e concidadãos". (ORÍGENES, 2004, p. 95).

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
abr/2011  
(revisão out/2011)

### Referências bibliográficas:

- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.  
Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2001.  
Bíblia Shedd, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.  
Bíblia de Jerusalém. Nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.  
BERG, P. S. *As Rodas da Alma*, São Paulo, Centro de Estudos da Cabala, 1998.  
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005a.  
CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2005b.  
CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 5. São Paulo: Candeia, 1995.  
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.  
KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.  
KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP, 1993.  
ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.  
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 1*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.  
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho, vol. 3*. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.  
PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.  
SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa; Ideia, 2001.  
NAVES, F. *Imagens e a cores in* [http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver\\_noticia.php?codigo=NO00109](http://www.psicologia.com.pt/noticias/ver_noticia.php?codigo=NO00109), acesso em 10.04.2011.  
SPADAFORA, F. *O profeta Elias in* <http://www.hermanubis.com.br/Biografias/BioElias.htm>, acesso em 18.03.2011, às 10.05hs.